

PRISIONEIRO DA GEOGRAFIA

Resenha de: MARSHALL, Tim. *Prisioneiros da Geografia: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global*. Tradução Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 1ed, 283p. 2018.

Carlos Henrique Arantes de Moraes¹

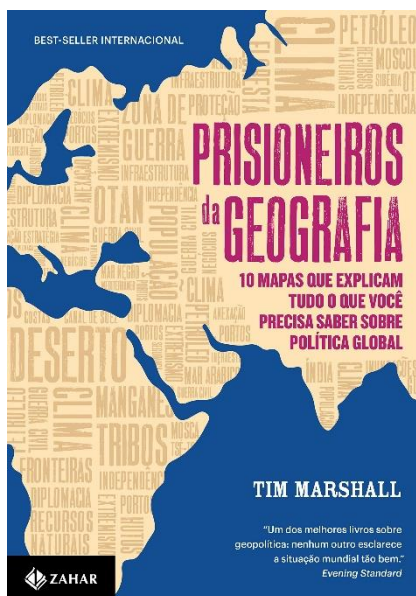
<https://orcid.org/0000-0002-9323-6228>

<http://lattes.cnpq.br/9662825202211880>

Recebido em: 17 de julho de 2020

Aprovado em: 17 de setembro de 2020

Tim Marshall foi correspondente de programas de televisão e rádio em canais como IRN (França), BBC e Sky News. Além disso, escreveu para muitos jornais estadunidenses como Times, Guardian, Daily Telegraph e Sunday Times. Nesse período, reportou da Bósnia, Croácia e Sérvia durante as guerras dos Balcãs nos anos 90. Ainda, passou a maior parte da crise do Kosovo, em 1999, em Belgrado, onde foi um dos poucos jornalistas ocidentais que continuaram reportando um dos principais alvos dos bombardeios da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Isso resultou em trinta anos de experiência em reportagens e apresentações, depois deixou o jornalismo em tempo integral para se concentrar na redação e análise do ambiente político internacional.²



Com essa experiência em eventos geopolíticos, Tim escreveu o livro “Prisioneiros da Geografia”, demonstrando que decisões, eventos, conflitos internacionais e guerras civis podem ser compreendidas levando-se em conta a história, e a maneira como são determinadas pelo ambiente físico em que indivíduos, sociedades e países se desenvolveram.

Nesse interim, Tim prova, ao longo de 10 capítulos, que as regras da geografia que grandes estrategistas enfrentaram no passado, como Alexandre, Sun Tzu, e Aníbal, permanecem sendo aplicadas e exigidas de superação atualmente, mesmo com o advento da evolução tecnológica.

Em cada capítulo, o autor realizou um estudo da formação da região ou de determinada potência, como a geografia influenciou sua evolução em Estado Nacional e como essa expressão permanece agindo na relação externa e interna desses países ou regiões.

No primeiro capítulo, inicia-se sobre a Rússia, o país de maior extensão territorial do mundo. Não à toa, os planaltos do Norte europeu forçaram Ivan, o Terrível, a expandir suas

¹ Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME). Bacharel em Ciências Militares e especialização em Ciências Políticas. Atualmente é Mestrando em Ciências Militares pelo PPGCM no Instituto Meira Mattos/ ECEME. E-mail: chdemoraes@gmail.com.

² Biografia retirada de Good Reads (2020).

fronteiras o mais longo possível, devido a vulnerabilidade defensiva militar de Moscou, aplicando a técnica de atacar antes de defender. Dessa forma, a Rússia conseguiu manter sua capital intacta ante aos enfrentamentos dos adestrados exércitos de Napoleão e Hitler, entre diversos outros, devido a extensa cauda logística obrigada a ser montada por um exército desde suas fronteiras até a chegada em Moscou.

Por outro lado, percebe-se a vocação terrestre dessa imenso país. Sua vulnerabilidade em portos de águas mornas é, atualmente, um objetivo que pesa em suas decisões em intervir em países do seu entorno. Outro objetivo político, relacionado a geografia é montar um escudo de proteção à OTAN, utilizando espaços com poder militar e econômico para defender essa expansão. O jogo geopolítico de fornecimento de gás e petróleo a uma Europa dependente desses recursos é um ótimo poder de barganha para, no mínimo, facilitar a influência russa em determinados países estratégicos a esses objetivos de defesa.

Num segundo capítulo, dessa vez a China demonstra a mesma característica russa de expandir seu território, ocupando locais do terreno em que facilitaria o ponto forte de uma Nação. No caso chinês, essa localização fica na bacia do Rio Amarelo, berço da civilização Han e de vital importância. Também de igual modo aos russos, os chineses lançam sua etnia Han por todo o seu território, dificultando movimentos separatistas e facilitando o controle de áreas tidas como independentes, como o Tibete, por exemplo.

A visão de tempo chinesa influenciou a formação de suas fronteiras. Realmente, a forma confuciana e sua maneira de encarar os problemas contando com o tempo facilitaram as principais demarcações fronteiriças de uma das mais antigas civilizações do mundo. As elevações mais à Oeste serviram de proteção da sua população, existindo uma passagem justamente onde atualmente se planeja a Rota da Seda, no Cazaquistão. Outra passagem também é encontrada na fronteira com o Paquistão, onde, novamente, os chineses planejam passar suas mercadorias para o litoral paquistanês. Logo após, encontra-se a Região Autônoma do Tibete, elevação que se não fosse influenciada pela China, seria pela Índia e daria uma vantagem a esse último sobre as águas do Rio Amarelo.

Após essa passagem, Tim demonstra que o êxito de um país terrestre de muitos habitantes agora depende de sua expansão marítima. O escoamento de sua produção e a chegada de matérias primas para a manutenção dessa linha de produção é importantíssimo para sua população manter os empregos. Sem esses, seria difícil afastar as manifestações contra o Partido Comunista Chinês. A expansão marítima busca projetar poder a uma Marinha de Guerra capaz de dominar o espaço marítimo no seu entorno, influenciando um cabedal de países que usam o Mar da China Meridional e Oriental.

Após uma análise sobre Rússia e China, o terceiro capítulo volta-se para os estudos dos Estados Unidos da América (EUA). A famosa “marcha para o Oeste”, fez muito além que proporcionar a saída para dois oceanos – o que não deixa de ser importante. Antes disso, a jovem nação estadunidense conseguiu comprar dos franceses a região da bacia do Mississipi, o que lhe possibilitou o domínio sobre a foz em Nova Orleans, até hoje um dos mais importantes portos para o país, escoando seus produtos excedentes.

A partir da ocupação em Nova Orleans, os norte-americanos confirmam sua visão geopolítica de mundo. Segundo Tim, a guerra contra os mexicanos para a anexação do que hoje é o Texas, tem muito a ver pela proximidade estrangeira naquele porto. Além disso, a guerra contra a Espanha que lhe garantiu as ilhas de Cuba, Guam e Filipinas, todas estrategicamente pensadas para o seu poder marítimo.

De fato, das três potências até agora estudadas pelo livro de Tim Marshall, o poderio naval norte-americano é em muito superior aos outros, um dos motivos pode ser explicado por essa facilidade em se lançar ao mar. Não satisfeito, e, ainda com a mesma visão geopolítica, os EUA dominam o Mar do Caribe e possuem cooperações com países chaves para a manutenção desse poder marítimo, como Dinamarca, Turquia, Taiwan e Japão, mais para a diminuir as liberdades de outras potências, do que aumentar as suas próprias.

Talvez a Europa seja a região onde a geografia explica com profundidade as atuais relações políticas, tanto interna quanto externa, de cada Estado Nação. De maneira isolada, o próprio continente é uma espécie de divisão do Norte e do Sul. Conforme aponta Tim “sulistas esbanjadores e preguiçosos e nortistas prudentes e industrializados” é um estereótipo daquela região. A geografia mostra um Norte com uma planície – a mesma que causa preocupações aos russos – que o clima e regime de chuvas propicia agricultura o ano todo. Por outro lado, o Sul com terrenos montanhosos e planícies costeiras bastante curtas que impossibilitam agricultura em larga escala e portos pouco profundos.

De igual modo Kaplan (2012), em seu livro “A vingança da Geografia”, aponta para os anos pacíficos na Europa, principalmente no pós Guerra Fria, isso resultou no entendimento que a democracia liberal se espalharia pelo Mundo. Porém, a geografia demonstra que não é tão fácil assim. Desse modo, entende-se a teoria que Tim explica sobre a possibilidade do Reino Unido ter uma política interna mais liberal como um país insular, quando comparados aos países da Europa continental.

Não obstante, a África apresenta suas dificuldades geográficas que distanciam suas nações do desenvolvimento econômico e político, conforme descreve o capítulo 5. Escassas enseadas, rios incapazes de realizar transporte de cargas, climas e solos não favoráveis à agricultura. Apenas essas características já seriam suficientes para dificultar a prosperidade econômica regional. Soma-se seu passado colonizado por civilizações possuidoras de tecnologias, porém guardaram para si mesmo e se apossaram de tudo que encontraram valor. E, ainda, quando os colonizadores abandonaram a política local, deixaram linhas fronteiriças que não exprimem o que Guimarães (2008) define como uma comunidade de indivíduos vinculados, que reconhecem a existência de um passado comum e têm uma visão de futuro em comum, acreditando que será melhor se se mantiverem unidos do que se separarem, ou seja, uma Nação.

Ocorreu uma repetição de fatos no Oriente Médio, onde os europeus influenciaram tanto na região que seu próprio nome se refere ao posicionamento ao Oriente e numa distância mediana perante a Europa. A divisão fronteiriça dos Estados formou-se no tratado de “*Sykes-Picot*”, sem considerar a divisão religiosa marcante na região. A busca pela influência política nos Estados ultrapassou o período da Guerra Fria e, atualmente, “russos, britânicos, americanos, franceses e outros” continuam na batalha de projetar poder no local. Essa disputa externa potencializa a luta árabe-israelense, que segundo Tim, não possui tanta atribuição no desequilíbrio regional, quanto por vezes lhe é atribuído.

Não se pode deixar de lado as crenças religiosas Judeus e muçulmanos lutam por ter uma terra sagrada em suas crenças. No entanto, percebe-se que essas regiões possuem um elevado valor geopolítico, que desconsiderando o lado religioso, é desvantajoso caso pertença ao oponente. Exemplo é a Cisjordânia que está numa altura no terreno que dominaria militarmente a planície israelense. Outro exemplo foi a reação militar de Israel na Guerra do Yom Kippur (1973), quando recebeu ataques simultâneos no Sinai e nas Colinas de Golã (SCALERCIO, 2003). Os israelenses centraram suas forças primeiramente nas colinas que são a fonte do Rio

Jordão, principal fonte de irrigação da sua agricultura.

Tim chama a atenção para a disposição geográfica do subcontinente indiano, no capítulo 7. Ao mesmo tempo que a proximidade de Índia e Paquistão potencializa seus antagonismos e influencia suas políticas externas, o ambiente interno de ambos são dificultados também por essa geografia, que formou civilizações com idiomas, culturas e religiões distintas que distanciam os conceitos de Nação, gerando uma relativa instabilidade de segurança regional.

De igual maneira, ocorre na península coreana. A Guerra da Coreia que nunca foi concluída – há apenas um armistício – vive na transigência. Um conflito naquela região afetaria uma parcela considerada da população mundial e países externos tenderiam a participar devido a pujante economia local. Porém, geograficamente, as duas Coreias permanecem unidas e tensionadas sobre a outra, numa divisão artificial que não ajuda a separação. Tanto Índia e Paquistão, como as duas Coreias estão “presos num mútuo abraço de medo e desconfiança”.

Por outro lado, a América Latina apresenta suas dificuldades geográficas. Inicia-se pela sua distância – nesse caso, particularmente a América do Sul – dos grandes centros de poder. Soma-se sua dificuldade em integrar-se, muito pela imposição fisiográfica, devido aos Andes e a maior Floresta Tropical do Mundo, mas também pela sua colonização de exploração, quando se formaram as principais cidades que continuam até os dias atuais voltadas para os Oceanos Pacífico e Atlântico. Essa dificuldade em integrar-se freia o avanço industrial e securitário dos Estados, criando campo para o tráfico de pessoas, animais, armas e, principalmente, de drogas.

No último capítulo de seu livro, Tim discute o Ártico e a corrida que existe entre alguns Estados para fincar suas bandeiras e projetar sua soberania na região. No que pese o Ártico estar sofrendo os efeitos do clima – que cientistas culpam as próprias nações industriais – a região possui gás e petróleo. Portanto isso seria suficiente para atrair os próprios Estados industrializados a manter ou aumentar suas produções.

Concluindo o trabalho, Tim Marshall demonstrou em todas as regiões, e mesmo nas potências, que “a geografia sempre foi um Espécie de prisão”, esteve presente no ideário dos líderes passados e permanecem influenciando nas decisões dos atuais decisores das políticas estatais.

O autor apresenta um novo conceito de geopolítica.

A geopolítica examina as maneiras pelas quais os assuntos internacionais podem ser compreendidos através de fatores geográficos; não somente a paisagem física, mas também clima, dados demográficos, regiões culturais e acesso a recursos naturais. Fatores como esses podem ter um importante impacto sobre aspectos diferenciados de nossa civilização, de estratégia política e militar a desenvolvimento social humano, incluindo língua, comércio e religião. (MARSHALL, 2018, p. 10)

Portanto, aos estudantes de Relações Internacionais, Assuntos Estratégicos, Geopolítica, entre outras disciplinas relacionadas, esse livro assume sua contribuição. Demonstra como a fisiografia de cada grande região do mundo conseguiu influenciar no estágio atual do concerto das nações e, ainda, continua influenciando os passos de cada líder político, como as mudanças climáticas, por exemplo.

Ainda aos estudantes de história, geografia e ciências sociais, esse livro consegue explicar a capacidade de civilizações antigas terem prosperado, outras não, devido a sua facilidade geográfica, e como regiões do mundo possuem tendências ao subdesenvolvimento ou até mesmo

a facilidades de prosperar regimes democráticos e antidemocráticos, pelo mesmo motivo da geografia.

Por fim, a obra *Prisioneiros da Geografia*, de Tim Marshall é uma obra atual, com elementos do passado que fundamentam suas conclusões sobre o equilíbrio contemporâneo de poder mundial e que pode mostrar, um caminho a ser seguido, ou pelo menos, melhor visualizado para aqueles que compreendem sua geografia.

REFERÊNCIAS

- GoodReads. Tim Marshall biography. 2020. Disponível em: https://www.goodreads.com/author/show/713466.Tim_Marshall. Acesso em julho de 2020.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. Nação, nacionalismo, Estado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 145-159, Abr. 2008.
- KAPLAN, Robert D. **A vingança da Geografia**: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Tradução Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio**: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a viver. Rio de Janeiro: Campus, 2003.